

JANEIRO|2018 · ANO 26 · Nº 265

INFORME

www.aiba.org.br

aiba & abapa

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA
& ASSOCIAÇÃO BAIANA DOS PRODUTORES DE ALGODÃO

www.abapa.com.br

Mala Direta Postal
Básica
9912307471/2014-DR/BA
AIBA
...CORREIOS...

Produtores do oeste baiano vão recuperar nascentes de rios

A iniciativa, implantada em São Desidério, será estendida a outros municípios da região, graças a parcerias firmadas entre Aiba, Abapa e prefeituras

05

SAFRA

Levantamento aponta boas perspectivas para a safra 2017-18 no oeste da Bahia

13

FITOSSANIDADE

Identificada a primeira ocorrência de ferrugem na safra 2017/18 no oeste da Bahia

16

ECONOMIA

Puxadas pelo setor agrícola, exportações baianas cresceram 19%

Ferrugem Asiática

Preocupados com os focos de doenças e pragas que afetam as lavouras, entre elas, a ferrugem asiática, representantes das entidades do agronegócio do oeste da Bahia, produtores rurais, pesquisadores e técnicos da região se reuniram para traçar estratégias de combate. No encontro, realizado em Luís Eduardo Magalhães, foram apresentados os projetos de pesquisa sobre o assunto. O vice-presidente da Aiba, Luiz Pradella, ressaltou que os resultados obtidos serão essenciais para o controle da doença na região.



Incêndios Florestais

As ações de prevenção e orientações em períodos que antecedem os meses críticos de seca (entre junho e outubro) foram fundamentais para reduzir os impactos do fogo na região. É o que concluiu o relatório do Programa Bahia Sem Fogo, apresentado durante a IV reunião do Subcomitê de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais da Região Oeste, realizada, no mês passado, pelo Inema, que elogiou a iniciativa dos produtores rurais.



Abapa e Aiba debatem com Embrapa e Climatempo formatação de base de dados meteorológicos unificada para o oeste da Bahia

Diante da importância do regime de chuvas para a agricultura, os técnicos da Embrapa Monitoramento de Satélite e do Climatempo se reuniram com as equipes de entidades ligadas aos agricultores para trocar experiências sobre a base de dados meteorológicos para na previsão do tempo no oeste da Bahia. Os profissionais da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) e da Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) relataram o gargalo na sistematização e armazenamento das estações meteorológicas na região.

Durante o encontro, os técnicos destacaram que um trabalho articulado para a obtenção de uma rede de informações nas estações meteorológicas públicas e privadas poderia apoiar o desenvolvimento de trabalhos técnicos para o entendimento do comportamento hidrológico e apoiar os produtores na tomada de decisões no campo. "No oeste da Bahia, existem 39 estações pluviométricas e 32 fluviométricas públicas em funcionamento. Mesmo com registros desde 1911, ainda existem lacunas nestes

dados. Existe uma quantidade expressiva de estações meteorológicas nas fazendas, mas não há compartilhamento e integração destes dados", afirma.

Além das estações, os técnicos do programa fitossanitário do algodão, realizado pela Abapa, disponibilizam em relatórios os dados do regime de chuvas dos núcleos regionais espalhados pelo oeste e sudoeste baiano e o comparativo com a última safra. "É uma base de registro do regime de chuva, que poderia contribuir para a formatação de um banco de dados com o cruzamento de informações com as estações existentes. Ter uma base eficiente e constantemente atualizada seria muito útil para o gerenciamento nas fazendas", explica o coordenador do programa fitossanitário do algodão, Antônio Carlos Araújo.

Também participaram da reunião, o diretor-executivo da Abapa, Lidervan Mota, Luiz Stahlke, assessor de agronegócios da Aiba, Ronei de Jesus Pereira, do Sindicato Rural de Luís Eduardo Magalhães, Sunny Aaron, do Sindicato Rural de Barreiras, e Júlio César Bogiani, da Embrapa.

Abapa recebe título de utilidade pública da Assembleia Legislativa da Bahia

Em dezembro passado, no dia 19, os deputados baianos concederam o título de utilidade pública para a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa). Por meio do Projeto de Lei 22.636/2017, a proposta do deputado Paulo Câmara foi votada por unanimidade garantindo a manutenção e viabilidade de novos projetos da entidade juntamente com o Governo do Estado. Na oportunidade, os deputados baianos ressaltaram os esforços da associação para o estímulo ao desenvolvimento da cotonicultura baiana. Dentre os trabalhos destacados está a entrega de 50 kits de irrigação e de transferência de tecnologia para apoiar o crescimento da cultura do algodão dentre os produtores do Vale do Iuiu e do sudoeste baiano, ocorrida no mês passado, em parceria com a Secretaria Estadual de Agricultura (Seagri).

Além de firmar novos convênios, este título reconhece a importância da associação como importante suporte aos produtores de algodão baianos. "A mesma seriedade e competência empregadas pelos associados no campo se revertem na condução da entidade que vem se fortalecendo ao atuar de forma integrada em áreas como sanidade vegetal, capacitação de mão de obra e manutenção das estradas vicinais apoiando o produtor desde a produção até o escoamento da fibra para comercialização. O Governo do Estado através da Seagri reconhece e

apoia todas as ações da Abapa que trazem cada vez mais desenvolvimento, emprego e renda para todos os baianos", explicou o Secretário de Agricultura, Vitor Bonfim.

Para o presidente da Abapa, Júlio César Busato, é necessário reforçar a importância das diretorias passadas que promoveram ao longo dos últimos 17 anos uma série de projetos que se consolidaram e vem garantindo o suporte para o desenvolvimento da cadeia agrícola do algodão na Bahia. "Tivemos uma ótima safra, e temos uma perspectiva de crescer 35% na área produtiva de algodão. Juntamente com as chuvas, que voltaram depois de quatro anos de seca e instabilidade, o produtor fez a sua parte, e se manteve forte e investindo em seu negócio. Nosso programa fitossanitário é uma referência em todo o Brasil, e evitou, por meio da informação e técnica, a proliferação do bicudo do algodoeiro, proporcionando maior rentabilidade ao produtor", afirma, ao agradecer aos deputados baianos e ao secretário de agricultura, Vitor Bonfim, pela parceria junto à entidade e aos produtores.

Criada em 31 de maio de 2000, a Abapa é uma instituição sem fins lucrativos que tem a missão de representar os interesses da



cotonicultura do Estado da Bahia e promover o algodão baiano nos mercados nacional e internacional de forma sustentável e integrada. Também em dezembro passado, no dia 12, a associação também recebeu o título de utilidade pública no município de Luís Eduardo Magalhães, no oeste da Bahia. Na cidade, ficam sediados o Centro de Treinamentos da Abapa, que este ano, já capacitou mais de 6 mil pessoas que atuam no campo e nos escritórios, e o Centro de Análises de Fibras, que classifica e atesta a qualidade da fibra produzida na Bahia para ser comercializada dentro e fora do Brasil.



INFORME aiba

Publicação mensal pela Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia - Aiba

REDAÇÃO E EDIÇÃO: Catiane Magalhães - DRT-BA: 2845

APROVAÇÃO FINAL: Rosi Cerrato

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Marca Studio - 77 3611.1745

IMPRESSÃO: Gráfica Irmãos Ribeiro

TIRAGEM: 2.000 exemplares

aiba

Av. Ahylon Macêdo, 919, Morada Nobre, Barreiras/BA | CEP: 47.810-035
Tel.: 77 3613.8000 | Fax: 77 613.8020

abapa

APÓIO:
FUNDEAGRO

IBA Instituto Brasileiro do Algodão

Com aumento de quase 10,0% (9,8%) na produção baiana, safra nacional de algodão deve ser 4,5% maior em 2018

Embora não haja prognóstico consolidado da safra de grãos por estado, os dados disponíveis até o momento indicam contribuições positivas da Bahia na produção nacional de algodão herbáceo (safra 2018 9,8% maior que a 2017). O estado, segundo maior produtor do país, deve participar com 22,8% do total a ser colhido em 2018, com uma produção de 914,8 mil toneladas, um crescimento de 9,8% em relação a 2017.

Para o Mato Grosso, maior produtor do País, a estimativa é de 2,7 milhões de toneladas, aumento de 3,2% em relação ao obtido em 2017. Estes dois estados devem contribuir com 89,0% da produção nacional de algodão em 2018, que deve totalizar 4,0 milhões de toneladas, um aumento de 0,2% em relação ao levantamento realizado em novembro. A área plantada e a área a ser colhida aumentaram 0,1% e o rendimento médio aumentou 0,1%. Ao todo, deve ser plantada uma área de 1,0 milhão de hectares de algodão no país. (Correio da Bahia/IBGE).

BAHIA TERÁ INCREMENTO DE 35% NA ÁREA PLANTADA NESTA SAFRA

Na Bahia, o incremento de 35% da área plantada de algodão na Bahia, com um total de 272 mil hectares, foi motivado principalmente pela produtividade de 310 arrobas/hectare da safra passada. O oeste baiano continua como um dos principais pólos agrícolas de algodão do Brasil e representa 93% de toda a produção de pluma da Bahia, sendo o segundo maior produtor brasileiro de algodão perdendo apenas para o Mato Grosso.

Segundo o presidente da Abapa, Júlio César Busato, a regularidade de chuvas vem, até o momento, contribuindo com



uma expectativa de safra e produtividade semelhante à passada. "Os bons resultados na produção de algodão também estão relacionados às ações estratégicas do Programa Fitossanitário coordenado pela Abapa nas regiões produtores do oeste e sudoeste baianos, que trabalha na sensibilização dos produtores para efetivarem as medidas para o controle e prevenção do bicudo do algodoeiro", afirma.

A perspectiva da Abapa e dos produtores de algodão baianos é retomar gradativamente a área plantada nos próximos três a quatro anos, retomando ao patamar de 400 mil hectares de área plantada anteriormente, buscando de volta os agricultores para o plantio sustentável e responsável do algodão, uma exigência dos mercados nacional e internacional. "Este incremento da área plantada poderá contribuir com o aumento da renda no comércio das cidades e de impostos para as prefeituras, impactando favoravelmente para quem vive nas cidades produtoras, como Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério e Formosa do Rio Preto", afirma Busato.

Embarques de algodão crescem em volume e receita

Brasil exportou 834,1 mil toneladas de algodão em 2017. Em receita, o total foi de US\$ 1,357 bilhão

O Brasil exportou 834,1 mil toneladas de algodão em 2017, um aumento de 3,6% ante o volume de 804,8 mil toneladas verificado em 2016. Em receita, as exportações da fibra totalizaram US\$ 1,357 bilhão, incremento de 11,7% em relação ao US\$ 1,215 bilhão obtido no ano anterior. Os dados são do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

Em dezembro, o Brasil exportou 138,7 mil toneladas de algodão, aumento de 92,1% ante o total de 72,2 mil toneladas embarcado em igual mês de 2016. Já a receita foi de US\$ 226,7 milhões, crescimento de 99,6% ante os US\$ 113,6 milhões de um ano antes.

Na comparação mensal, as exportações recuaram 11,3% em volume e 10% em receita, respectivamente. O preço médio do produto embarcado foi de US\$ 1.634,9/tonelada em dezembro, ante 1.611,5/t em novembro e R\$ 1.574,1/t em dezembro de 2016. (Estadão Conteúdo).



Levantamento aponta boas perspectivas para a safra 2017-18 no oeste da Bahia

Com clima favorável às culturas plantadas no oeste baiano, as perspectivas para a safra 2017-18 são bastante otimistas. Foi o que apontou o 1º levantamento, realizado no último dia 15 de janeiro, pelo Conselho Técnico da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba).

Até o momento, a produtividade média da soja foi estimada em 56 sacas por hectare, a melhor já alcançada. "Se a chuva continuar a ser boa e a colheita ocorrer com sucesso, esse valor deve se confirmar", afirmou Luiz Stahlke, assessor de Agronegócio da Aiba. Já em relação à área cultivada, a oleaginosa teve um acréscimo de 1,3% em relação ao ano passado, saltando de 1,580 milhão de hectares para 1,600 milhão.

O algodão baiano também possui uma boa projeção e deve repetir o sucesso da safra 2016-17. Além do aumento da área plantada em 35%, a produtividade deve alcançar a marca de 310 arrobas por hec-

tare, a mesma da safra anterior. Já a produção deve ser superior, sendo estimada em 1,209 milhão, 35% a mais que o ano passado. Números mais precisos devem ser estimados no próximo levantamento, já que, até o momento, apenas as áreas de sequeiro foram plantadas. As irrigadas devem finalizar o plantio até o dia 10 de fevereiro.

Para o milho, as perspectivas também são boas. Com o desenvolvimento equilibrado e nenhum problema apresentado até o momento, o grão deve chegar as 165 sacas por hectare, um aumento significativo comparado com as 130 sacas da última safra e a retração de área de 22%.

O Conselho Técnico da Aiba é formado por representantes de associações de produtores, sindicatos, multinacionais, instituições financeiras e órgãos governamentais. As previsões são feitas sempre considerando fatores como perspectivas de mercado, nível tecnológico, condições climáticas e controle fitossanitário.



ANIVERSARIANTES FEVEREIRO/2018

01/02	CLAUDINIR BORTOLOZZO
01/02	EUCLECIO LUIZ ELGER
01/02	JOVALDIR BATEZINI
01/02	LEONILDO JOSE DE FAVERI
01/02	MORINAGA KONIJIO
01/02	THAIS DE PROENÇA DA MATA SOBREIRA
02/02	EVALDO ANTUNES
02/02	JORGE FUKUDA
02/02	MÁRCIO JOSÉ LIBERALI
02/02	PATRICIA WUSTRO BADOTTI
03/02	MARCELINO FLORES DE OLIVEIRA
03/02	RAFAEL SCHERMACK
04/02	JULIO CEZAR BUSATO
04/02	MARCIO LUIZ DE RESENDE
05/02	ADAN VINICIUS SANTOLIN
06/02	ADEMIR CAZAROTTO
06/02	JOÃO WALTER MARTINS M. PEREIRA
06/02	MARCOS CARLOS PILLATI
06/02	PEDRO MARQUES PINTO
07/02	ANTÔNIO DE LIMA ALINO
07/02	JOSÉ AUGUSTO FALCÃO ALVES DE SOUTO
07/02	ROMEU ISIDORO REIMANN
08/02	ANDRE CASSOL LOPES
08/02	IRINEU JOSE SCHMIDT
08/02	VALDIR VILMAR TIMM
09/02	OSCAR HENKE
10/02	BRUNO MUNIZ COSTA
10/02	CLÁUDIA LERMER OLIVEIRA
10/02	EGON SCHWINGEL
10/02	LEOMAR JOSE RECKERS
10/02	MÁRIA EDNA DE SOUZA
10/02	MILTON CESAR ZANCANARO
12/02	ANA PAULA SCMITZ GOLIN
13/02	EVERTON MARTINS DE OLIVEIRA
14/02	NEIMAR WALKER
15/02	ALBERTO ANTONIO ZANINI
15/02	JORGE REIJI TABUSADANI
15/02	ROSICLEIA DO ROCIO FLIZICOSKI CERRATO
16/02	JOSÉ VOLTER LAURINDO DE CASTILHOS
16/02	JÚLIO MIKIO WATANABE
16/02	MICHELLI RIEDI
18/02	ANTAO VLADIMIR DE SOUZA LEITE
19/02	EGIDIO DAL MOLIN
19/02	MARIZA NAZARI FORMAGIO
20/02	JOSÉ ANTONIO DAL MOLIN
21/02	MARILETE DE FATIMA ZANCANARO MOTTER
22/02	DIRCEU MONTANI
22/02	MOACIR BERNARDINO WUSTRO
22/02	NEIVA GHLEN WUSTRO
23/02	JAIME DANIEL NEGRI
23/02	MÁRCIO ASTOR POOTER
23/02	MARTIN DOWICH
23/02	MAURÍCIO LUIZ KALSING
23/02	VANDERLEI CASSOL
24/02	CARLOS EDUARDO BARROS RENZI
24/02	LÚCIO STRACCI
24/02	NEI CASTELLI
25/02	AIRTON JOSÉ BIEZUS
25/02	ALEX SANDRO DARIO
25/02	DIEGO DI DOMENICO
25/02	JÚLIO CÉSAR PINTO MORAES
26/02	ELIANA MARIA PASSOS PEDROSA
26/02	MÁRIO HIDEYAKI KURODA
26/02	VOLNEI MARTINAZZO
26/02	VERNO ELGER
28/02	EDISON ROBERTO DIPP
28/02	JOÃO CARLOS JACOBSEN R. FILHO

Quem preserva o cerrado brasileiro?

Produzir de maneira sustentável é um desafio mundial, o qual os produtores rurais brasileiros parecem ter descoberto a fórmula. O modelo de agricultura praticada no País, mais especificamente no oeste da Bahia, focado em garantir a segurança alimentar e o equilíbrio do meio ambiente, tem servido de inspiração para outras regiões. A implantação de lavouras em áreas do cerrado baiano, há pouco mais de três décadas, proporcionou mudanças na paisagem do bioma. Com a fertilização do solo, foi possível transformar terras praticamente estéreis em um dos um dos maiores polos produtivos da América Latina.

A região se destaca pela vocação agrícola, com alta produtividade de grãos e fibra. Apesar da sua importância produtiva para o Matopiba (área de confluência entre os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, intitulada como última fronteira agrícola do País), apenas 36% da sua extensão territorial foram abertas para diferentes usos, incluindo as atividades de lavoura, silvicultura e pecuária, ou seja, cerca de 64% do bioma encontram-se conservados em 9,1 milhões de hectares do oeste baiano. Esses números conferem aos agricultores locais o primeiro lugar no ranking de conservação ambiental em propriedades rurais do planeta, segundo recente pesquisa realizada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

O estudo, baseado nos dados do Cadastro Ambiental Rural (CAR), identificou uma área aproximada de 3,3 milhões de hectares com remanescentes de vegetação nativa destinada à Reserva Legal, em diferentes fisionomias do Cerrado (campestres, savânicas e florestais). Este percentual de área conservada tende a aumentar se forem incluídas as Áreas de Preservação Permanente (APP) e excedentes com vegetação nativa existente em propriedades rurais.

Os números da adesão ao Cadastro Ambiental Rural também indicam que as áreas consideradas conservadas, preservadas e/ou em processo de recuperação, são maiores em propriedades privadas (4,5 milhões de hectares) do que as áreas atualmente estabelecidas como Unidades de Conservação de Proteção Integral e de Uso Sustentável (federal, estadual e municipal) implantadas na região oeste da Bahia, que é de 1,9 milhão de hectares. Essa estatística evidencia

a preocupação do produtor rural em conservar o cerrado e todos os serviços ecossistêmicos a este associado. Para tanto, investe-se em tecnologia capaz de aumentar a produtividade sem necessariamente aumentar a área plantada, de maneira a promover o progresso e a preservação ambiental.

“O produtor rural brasileiro, principalmente o baiano, sabe que o desenvolvimento sustentável é seu grande aliado para manter e ampliar a produtividade em seu empreendimento rural. Desta maneira, ele tem adotado modelos que associam os desafios da produção, que estão atrelados ao cumprimento legal e à adoção de boas práticas agropecuárias, trazendo eficiência em todas as etapas do processo, com manejo adequado do solo e da água, e gestão de resíduos”, ressaltou Alessandra Chaves, diretora de Meio Ambiente da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba).

Quando se refere exclusivamente às APP's, o Brasil, conforme previsto no Código Florestal, traz as maiores faixas de proteção associadas a mananciais hídricos do mundo, que pode variar de 30 a 500 m de vegetação. Na região oeste da Bahia, as faixas de APP's encontram-se distribuídas em uma área de 452 mil hectares nas bacias hidrográficas dos rios Grande, Corrente e Carinhanha, conforme classificação realizada por imagens de satélite Landsat-8, resolução espa-



cial de 15 metros (2017) e Rapid-Eye resolução espacial de 5 metros (2011).

Com uma legislação ambiental figurando entre as mais rígidas do mundo, no Brasil, o seu cumprimento precede qualquer processo de ocupação, e que tem como principal marco regulatório a publicação do Código Florestal Brasileiro (Lei nº 12.651/2012), e posteriormente as regulamentações federal e estaduais.

“A publicação da Lei nº 12.651/2012 e, em seguida, dos decretos nº 7.830/2012 e nº 8.235/2014, estabeleceram instrumentos de ordenamento territorial essenciais para regularização ambiental da propriedade rural no Brasil, exemplificado pela implementação do CAR e do Programa de Regularização Ambiental (PRA). Desta maneira, essas duas ferramentas estabeleceram estratégias de gestão e de regularização ambiental do empreendimento rural, uma vez que na adesão ao Cadastro são estabelecidas as áreas passíveis de ocupação, as Áreas de Preservação Permanente (APP) e os percentuais de Reserva Legal destinados à recuperação, conservação e/ou compensação. Para os estados localizados na região do Matopiba, o percentual admitido para a alocação das áreas destinadas à Reserva Legal (RL) em propriedades pode variar entre 20% para áreas localizadas nos biomas cerrado e caatinga, e 35% em áreas limítrofes com a Amazônia legal”, explicou Alessandra Chaves.

Lavouras são apenas 7,6% do Brasil, segundo a NASA

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, apresentou dados da NASA, Agência Especial Norte-americana, em Berlim, Alemanha, demonstrando que o Brasil utiliza apenas 7,6% de seu território com lavouras, somando 63.994.479 hectares.

O ministro foi convidado para discursar na abertura do painel “Moldar o Futuro da produção animal de forma sustentável, responsável e produtiva”, no Fórum Global para Alimentação e Agricultura (GFFA), realizado durante a Semana Verde Internacional, no período de 18 a 20 de janeiro.

Em 2016, a Embrapa Territorial já havia calculado a ocupação com a produção agrícola em 7,8% (65.913.738 hectares). Os números da NASA datam de novembro de 2017, indicando percentual menor, mas segundo o chefe geral da Embrapa Territorial, Evaristo de Miranda, doutor em Ecologia, é normal a pequena diferença de 0,2% entre os dados brasileiros e norte-americanos.

Os números da NASA, e também os da Embrapa, serão utilizados pelo Ministro Blairo Maggi para rebater a crítica recorrente da comunidade internacional de que os “agricultores brasileiros são desmatadores”.

O estudo da NASA demonstra que o Brasil protege e preserva a vegetação nativa em mais de 66% de seu território e cultiva apenas 7,6% das terras. A Dinamarca cultiva 76,8%, dez vezes mais que o Brasil; a Irlanda, 74,7%; os Países Baixos, 66,2%; o Reino Unido 63,9%; a Alemanha 56,9%.

Evaristo de Miranda explica que o trabalho conjunto da NASA e do Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS) fez amplo levantamento com o mapeamento, e o cálculo das áreas cultivadas do planeta, baseados em monitoramento por satélites. Durante duas décadas, a Terra foi vasculhada, detalhadamente, em imagens de alta definição por pesquisadores do Global Food Security Analysis, que comprovaram os dados antecipados pela Embrapa.

As áreas cultivadas variam de 0,01 hectare por habitante – em países como Arábia Saudita, Peru, Japão, Coreia do Sul e Mauritània – até mais de 3 hectares por habitante no Canadá, Península Ibérica, Rússia e Austrália. O Brasil tem uma pequena área cultivada de 0,3 hectare por habitante, e situa-se na faixa entre 0,26 a 0,50 hectare por habitante, que é o caso da África do Sul, Finlândia, Mongólia, Irã, Sué-



OS AGRICULTORES BRASILEIROS CULTIVAM APENAS 7,6%, COM MUITA TECNOLOGIA E PROFISSIONALISMO”

Evaristo de Miranda, chefe geral da Embrapa Territorial.

cia, Chile, Laos, Níger, Chade e México.

O levantamento da NASA também dispõe de subsídios sobre a segurança alimentar no planeta, com a medição da extensão dos cultivos, áreas irrigadas e de sequeiro, intensificação no uso das terras com duas, três safras e até áreas de cultivo contínuo. Não entram nesses cálculos áreas de plantio florestal e de reflorestamento, que são as terras dedicadas ao plantio de eucaliptos. No Brasil contaram-se apenas as lavouras.

De acordo com o estudo, a área da Terra ocupada por lavouras é de 1,87 bilhão de

hectares. A população mundial atingiu 7,6 bilhões em outubro passado, resultando que cada hectare, em média, alimentaria 4 pessoas. Na realidade, a produtividade por hectare varia muito, assim como o tipo e a qualidade dos cultivos.

“Os europeus desmataram e exploraram intensamente o seu território. A Europa, sem a Rússia, detinha mais de 7% das florestas originais do planeta. Hoje tem apenas 0,1%. A soma da área cultivada da França (31.795.512 hectares) com a da Espanha (31.786.945 hectares) equivale à cultivada no Brasil (63.994.709 hectares)”, explica o especialista da Embrapa.

A maior parte dos países utiliza entre 20% e 30% do território com agricultura. Os da União Europeia usam entre 45% e 65%. Os Estados Unidos, 18,3%; a China, 17,7%; e a Índia, 60,5%.

“Os agricultores brasileiros cultivam apenas 7,6%, com muita tecnologia e profissionalismo”, assegura Evaristo de Miranda.

As maiores áreas cultivadas estão na Índia (179,8 milhões de hectares), nos Estados Unidos (167,8 milhões de hectares), na China (165,2 milhões de hectares) e na Rússia (155,8 milhões de hectares). Somente esses quatro países totalizam 36% da área cultivada do planeta. O Brasil ocupa o 5º lugar, seguido pelo Canadá, Argentina, Indonésia, Austrália e México.

A Bahia lidera o ranking de licenciamento ambiental

A Bahia é o estado com as melhores práticas e com maior agilidade para liberação de licenciamento ambiental para empreendimentos empresariais no país. Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nessa ordem, fecham os cinco primeiros lugares do ranking do Índice de Qualidade do Licenciamento Ambiental (IQL), instrumento inédito elaborado pela consultoria AFRanco Partners que mapeia processos de governos estaduais na área ambiental.

O indicador surge de estudo sobre as implicações do caminho percorrido por empresários até a obtenção do licenciamento ambiental para a tomada de decisão de investimentos. Segundo Augusto Franco, responsável pela pesquisa e fundador da AFRanco Partners, a legislação ambiental brasileira se organiza, nas três esferas de governo, como um conjunto complexo de leis, decretos e resoluções com propósito de preservar o ambiente, mas que acaba gerando insegurança jurídica devido à falta de padrão, transparência e agilidade nos processos.

“Uma avalanche de legislações compõe o ordenamento jurídico e regulatório para mediar desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Esse arcabouço é o espaço ideal para mediar isso, mas as regras são conflituosas e sobrepostas e não dizem ao empreendedor o essencial: onde ele pode empreender, quando, como, em que prazo”, avalia Franco. “Além dos riscos naturais do negócio, o empreendedor enfrenta ritual jurídico lento, complexo, caro e pouco isonômico. Mesmo se receber uma interpretação inicial favorável, outro técnico ou órgão de governo pode desqualificar sua demanda baseado em interpretação diferente.”

Embora cada esfera administrativa tenha autonomia na execução da legislação ambiental, o estudo foca os Estados porque é sobre eles que recai a maior demanda por licenciamentos. A maior parte dos municípios repassa a responsabilidade institucional para governos estaduais, enquanto a União se encarrega majoritariamente de grandes projetos como a construção de

uma hidrelétrica, por exemplo.

Para formar o IQL, 18 variáveis foram parametrizadas em três blocos principais: transparência, burocracia e prazos. Existência de manuais de licenciamento, serviços on-line, qualidade no atendimento e apresentação de informações de forma clara e acessível são alguns critérios do indicador. Dentro dessa lógica, a Bahia alcança pontuação máxima, com IQL 18. O desempenho está relacionado a várias mudanças implementadas desde 2012.

Segundo Marcia Telles, diretora-geral do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), órgão governamental responsável pela regulação ambiental no Estado, 179 técnicos de nível superior e médio foram contratados e todos os processos foram digitalizados e hoje são feitos pela internet.

Marcia ressalta, no entanto, que a demanda ainda é maior que a capacidade ope-

racional do Inema, realidade que vale para o país todo. “Os Estados precisam se fortalecer, fortalecer a gestão municipal, pois muitos empreendimentos podem ser feitos pelas prefeituras, e priorizar avaliações e licenciamentos que significativamente tenham impacto. Atividades hoje mais conhecidas ou empreendimentos em áreas já vocacionadas [para atividade econômica] podem ter um licenciamento mais pontual, deixando os Estados mais livres para se debruçar sobre casos mais relevantes”, diz Marcia.

Na parte inferior do ranking do IQL, os principais problemas em vários Estados são o uso reduzido da internet, a ausência de informações detalhadas, a não disponibilização das legislações vigentes sobre o processo de licenciamento e a falta de definição, em lei, de prazos de tramitação dos pedidos de licença ou autorização ambiental. (Valor Econômico).



O OESTE DA BAHIA É UMA PROVA DE QUE É POSSÍVEL PRODUIR EM GRANDE ESCALA, ATENDENDO A LEGISLAÇÃO AMBIENTAL E INVESTINDO NA RECUPERAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS NOSSAS RIQUEZAS NATURAIS”

Júlio César Busato,
presidente da Abapa

Produtores do oeste baiano vão recuperar nascentes de rios

Produtores rurais do oeste baiano se uniram para recuperar as nascentes dos rios existentes na região. O primeiro município beneficiado é São Desidério, que vai receber recursos da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) e da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) para recuperação de nascentes em 11 comunidades.

“O oeste da Bahia é uma prova de que é possível produzir em grande escala, atendendo a legislação ambiental e investindo na recuperação e preservação das nossas riquezas naturais”, ressaltou o presidente da Abapa, Júlio César Busato, ao assinar,

juntamente com o presidente da Aiba, Cestino Zanella, o acordo de cooperação técnica com o prefeito José Carlos de Carvalho.

Pela parceria firmada, os produtores rurais garantem o aporte financeiro. Em contrapartida, a Prefeitura se responsabiliza pelo projeto e a mão de obra. Ainda este ano, além de São Desidério, os agricultores vão investir na recuperação das nascentes de rios em Barreiras, Luís Eduardo Magalhães e Correntina. Mas, segundo o presidente da Aiba, não está descartada a inclusão de outros municípios.

“Já trabalhamos em parceria com pre-

feitorias da nossa região recuperando e pavimentando estradas, num trabalho que tem beneficiado, sobretudo, as comunidades rurais. Vamos utilizar essa mesma estrutura para recuperar as nascentes dos nossos rios”.

Em São Desidério, a parceria dos produtores com a prefeitura prevê a recuperação de nascentes em Áreas de Preservação Permanente (APP's), que somam mais de 80 hectares, localizadas nas comunidades de Alegre da Pontezinha, Cabeceira do Salto, Alegre, Conceição de Baixo, Marias, Boqueirão do Palmeiral, Estiva, Canabravão, João Rodrigues, Baixa Bonita e Pindaíba.



Cascalhamento de trecho da estrada vicinal de Jaborandi

PATRULHA MECANIZADA TAMBÉM AJUDA A PRESERVAR RIOS DA REGIÃO

Com a recuperação de estradas, o programa Patrulha Mecanizada também beneficia a preservação dos rios da região. “Os agricultores baianos estão fazendo a sua parte para diminuir o assoreamento dos rios através da recuperação das estradas. Neste trabalho, são levantadas barreiras de contenção e ‘barraginhas’ para evitar que sedimentos como areia, cascalho e pedra sejam levados pelas chuvas até os rios”, explica Busato. Além disso, os produtores também estão investindo na recuperação das nascentes dos rios que vem sendo prejudicadas principalmente pelo pisoteio do gado e com o assoreamento.

Os produtores rurais, por meio da Abapa e da Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba) fecharam uma parceria com o município de São Desidério, onde estão previstos atuar em mais de 80 hectares abrangendo 11 comunidades rurais e compreendendo a recuperação de nascentes dos afluentes do rio São Desidério, Guará, Boa Sorte e bacia do Rio Grande. Desde o início do projeto, em 2013, já foram recuperadas mais de 1000 km, com um investimento aproximado de R\$ 20 milhões, com recursos dos agricultores baianos, por meio do IBA, Prodeagro, Fundeagro e parceria com os municípios e demanda espontânea dos próprios produtores.

Agricultores recuperam cerca de 220 quilômetros de estradas na Bahia

Preocupados com a logística de transporte e escoamento de grãos, os agricultores baianos recuperaram, no último ano, 223,2 quilômetros de estrada na região oeste do estado. Reunidos por meio do Programa Patrulha Mecanizada da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), eles promoveram a recuperação e cascalhamento de trecho de 96 km de estrada vicinal em Jaborandi; 93 km na Estrada do Café, em Barreiras; e 33 km na Rodovia da Soja, em São Desidério. Com recursos do Prodeagro, Fundeagro e Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), vem sendo investidos recursos para a manutenção total das vias pelos agricultores, em parce-

ria com as prefeituras. O trecho recuperado no ano passado compreende, comparativamente, a mesma distância entre a cidade de Luís Eduardo Magalhães e a divisa com o estado de Goiás, no distrito de Rosário, em Correntina.

O coordenador do Patrulha Mecanizada da Abapa, David Tavares, explica que o programa vem trabalhando com uma equipe de 31 colaboradores que atuam ao longo de todo o ano. “O programa dispõe de 30 equipamentos próprios, dentre motoniveladoras, escavadeiras, rolos compactadores, tratores, caminhões, para executar os trabalhos de recuperação”, explica. Os agricultores já estão planejando novas parcerias para as

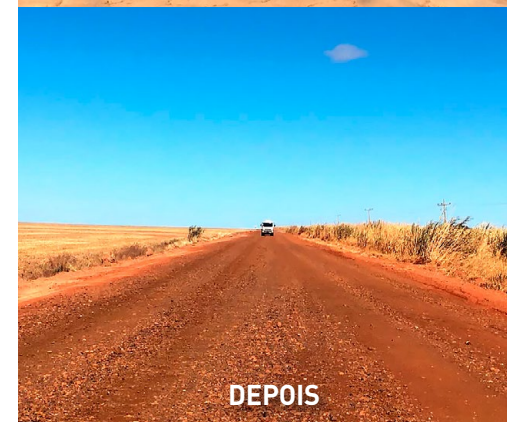
melhorias das estradas vicinais da região, a exemplo da pavimentação asfáltica de 33 km da Rodovia da Soja, em São Desidério, recentemente recuperado pelo Patrulha Mecanizada da Abapa.

Para o presidente da Abapa, Júlio César Busato, o programa é considerado uma referência em todo o Brasil. “Mostramos que os agricultores do oeste da Bahia estão unidos para vencer as dificuldades de logística para o escoamento da safra agrícola, reunindo esforços, juntamente com os municípios, contribuindo também para melhorar o acesso ao transporte e mais qualidade de vida para quem vive nas localidades da zona rural”, afirma.

RODOVIA DA SOJA - SÃO DESIDÉRIO (BA)



ANTES



DEPOIS

ESTRADA DO CAFÉ - BARREIRAS (BA)



ANTES



DEPOIS



Bacias de captação e desvios laterais em estradas executados pelo Patrulha Mecanizada

Programa Fitossanitário alcança resultados de excelência na guerra ao Bicudo, em lavouras do oeste e sudoeste da Bahia



ançado em novembro de 2015 e finalizado em outubro de 2017, mais uma fase do Programa Fitossanitário, financiado pelo Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), sob a coordenação técnica da Associação Baiana de Produtores de Algodão (Abapa), traz, como resultados, indicadores que revelam êxito na proteção dos cotonicultores do estado da Bahia contra possíveis danos econômicos causados pelas pragas do algodoeiro. Uma série de ações foram postas em prática alicerçadas por planejamentos prévios, nas regiões produtoras.

Durante a execução, e para tornar mais abrangente e eficiente a atuação do programa, a Abapa trabalhou com uma equipe de 14 técnicos distribuídos em 18 núcleos produtivos no oeste e sudoeste baiano com capacitações, treinamentos, orientações e suporte técnico. O monitoramento do bicudo do algodoeiro, contou com a instalação de armadilhas ao longo do período da entressafra das lavouras, vazio sanitário no período de 20 de setembro a 20 de novembro de cada ano como forma de garantir um indicador da praga para tomada de decisões no início de cada safra de algodão, evitando uma possível evolução da doença.

Todas as propriedades (cultivo de algodão e área de rotação) e algodoeiras foram visitadas e monitoradas, assim como o início da semeadura da soja que sucedeu o algodão safra 2017/18. O programa Fitossanitário da Abapa, conta com o apoio operacional e logístico aos projetos de pesquisas de instituições como Universidade de São Paulo (Usp - Esalq), Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Embrapa, Aiba, Fundação Bahia e outras empresas do agronegócio.



EQUIPES PROMOVEM ORIENTAÇÃO E ELIMINAM TIGUERAS EM ESTRADAS E RODOVIAS

Na região oeste foram realizadas 668 visitas nas 181 propriedades de algodão e áreas de rotação, para as 74 algodoeiras foram 68 visitas. Já a região sudoeste do Estado recebeu 618 visitas nas 583 propriedades, a maioria de pequenos produtores. "Nossas equipes percorreram estas áreas semanalmente ou quinzenalmente, em 201.634 hectares de algodão e mais de 160mil hectares de áreas de rotação levando orientação para que todos tivessem sucesso na redução às pragas, seguidas de relatórios enviados para todos os núcleos produtores", explica o coordenador do programa da Abapa, Antônio Carlos Araújo.

Fizeram parte do projeto de guerra ao bicudo – que possui um ciclo rápido de reprodução, em torno de 18 - 21 dias, e em uma única safra pode ter até cinco gerações de insetos, dificultando o controle na lavoura – uma série de palestras, treinamentos envolvendo produtores, agrônomos, consultores, técnicos e gerentes das propriedades. A eliminação das tiguerras de algodão existentes em rodovias, BR's e estradas vicinais contou com a união de produtores, equipes do programa fitossanitário e prefeituras municipais que juntos, utilizaram capina mecânica e bons manejos para destruição e proliferação do inseto.

Na avaliação do presidente da Abapa, Júlio Cezar Busato, o trabalho de enfrentamento traz resultados importantes na eliminação do bicudo nas áreas monitoradas pelo programa. "Os agricultores estão conscientes sobre o seu papel de cuidar e proteger as lavouras, mas, sempre observando e conversando com os seus vizinhos para que a praga não se dissemine. Cada um, fazendo a sua parte, vamos continuar tendo bons resultados e, buscando o fim do bicudo no oeste e sudoeste da Bahia. Estamos caminhando para isso", diz.



Identificada a primeira ocorrência de ferrugem na safra 2017/18 no oeste da Bahia



RECOMENDO MULTISSÍTIOS EM TODAS AS APLICAÇÕES, PRINCIPALMENTE NA REGIÃO ONDE A DOENÇA FOI DETECTADA"

Armando Sá, coordenador do Programa Fitossanitário de Combate à Ferrugem Asiática da Soja na Bahia.

Vem do município de São Desidério, no oeste baiano, a primeira ocorrência de ferrugem asiática no Estado na safra 2017/2018. A doença foi identificada em coleta realizada no início do mês, e a chuva regular, que vem ocorrendo na região, contribuiu para o aparecimento do foco.

Segundo informações fornecidas pela Circulo Verde, empresa que identificou e confirmou a presença do fungo, a semeadura ocorreu em novembro, ou seja, dentro do intervalo estabelecido pela Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab), entre 08 de outubro e 15 de janeiro. As plantas estavam no estágio R3.

Para o coordenador do Programa Fitossanitário de Combate à Ferrugem Asiática da Soja na Bahia, Armando Sá, a ocorrência de chuva regular na região, com temperaturas mais frias à noite e com formação frequente de orvalho, beneficiaram o desenvolvimento da soja, mas também formaram condições favoráveis para o aparecimento da doença.

"Mesmo o foco tendo sido encontrado tardiamente, comparado com outros estados, a previsão é que a chuva continue no oeste da Bahia de forma contínua até o fim de janeiro, por isso, os demais agricultores devem estar alerta e intensificar o monitoramento nas áreas plantadas. Nossa equipe de técnicos já se encontra na região de São Desidério para auxiliar e informar os produtores", ressaltou Sá.

Luís Henrique Carregal, da Agro Carregal (pesquisa e proteção de plantas) e pesquisador que integra a equipe do Programa na Bahia, orienta os produtores rurais a não exceder o intervalo de 15 dias entre as aplicações. Além disso, "recomendo multissítios em todas as aplicações, principalmente na região (São Desidério) onde a doença foi detectada", alerta.

Produtores garantem capacitação para mais de seis mil profissionais da cadeia produtiva do algodão no oeste da Bahia



Como um dos seus principais pilares de atuação, a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) vem investindo na formação profissional de quem se dedica à produção agrícola no oeste da Bahia. Em 2017, foram capacitados 6.384 mil profissionais que atuam no campo e nos escritórios das fazendas do oeste da Bahia. Por meio do Centro de Treinamento Parceiros da Tecnologia, localizado em Luís Eduardo Magalhães, a entidade disponibilizou mais de 236 cursos e treinamentos, ligados diretamente ao campo, como Movimentação Operacional de Produtos Perigosos (MOPP), Operação de Trator e Plantadeira, Desenvolvimento de Lideranças, Operador de Máquinas Beneficiadoras de Algodão e Implantação do E-Social Contábil e Jurídico.

Ao participar do curso de Tecnologia de Pneus Agrícolas, o técnico de Luís Eduardo Magalhães, Edicarlo Bresolin, 35, entende que o principal diferencial será a mudança de conduta ao trabalhar de forma mais segura, correta e em menos tempo em caso de possíveis reparos. Para Cássio Fernando Batista, 34, de Formosa do Rio Preto, o curso de MOPP trouxe regras e dicas que vai passar a usar em campo, principalmente quando estiver transportando produtos com cargas

inflamáveis. Funcionária da área de recursos humanos, Mayara Cruvinel, ficou satisfeita com o conhecimento aprofundado sobre o E-Social, que a partir do próximo ano, será a plataforma base para atualizar o banco de dados trabalhista e contábil das empresas. "O curso só veio a somar. As informações foram passadas de forma dinâmica", elogiou.

Um dos parceiros para o desenvolvimento dos cursos ofertados pela Abapa, o gerente do Centro das Indústrias do Estado



da Bahia (CIEB) Bruno Leal de Araújo, resalta a importância destas atividades, que vem levando aos associados cursos, palestras e workshops com temáticas atualizadas e ministradas por profissionais com conhecimento técnico e abrangente em suas áreas de atuação. O Centro de Treinamento Parceiros da Tecnologia conta com apoio do Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), Agrosul-John Deere, Veneza Equipamentos-John Deere, Senar, Senai, Sesi, Cieb, Oeste Pneus-Pirelli, Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Prefeitura de Luís Eduardo Magalhães.

Por meio destas parcerias, o presidente da Abapa, Júlio César Busato, acredita que entidade vem reunindo esforços junto aos proprietários das fazendas para garantir o pleno atendimento à legislação trabalhista, garantindo condições plenas de infraestrutura e conhecimento para que os profissionais do campo e nos escritórios das fazendas possam exercer as suas funções. "A cadeia agrícola do algodão emprega direta e indiretamente cerca de 33 mil pessoas. Por meio do Centro de Treinamento da Abapa, valorizamos e acreditamos no potencial dos profissionais que vem contribuindo para que o oeste baiano se mantenha como um dos principais pólos agrícolas do Brasil", afirma.

Centro de Treinamentos da Abapa realiza pré-matrícula para o curso técnico em Eletromecânica



O Centro de Treinamentos da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) está realizando a pré-matrícula para os interessados no curso técnico em Eletromecânica, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), na modalidade de Educação à Distância (EAD). Com início das aulas ainda no primeiro semestre de 2018, as inscrições são limitadas e devem ser realizadas presencialmente no Centro de Treinamentos da Abapa.

Com carga horária de 1,2 mil horas, as aulas presenciais ocorrerão na Unidade do Senai, Em Luís Eduardo Magalhães. Serão ofertadas 50 vagas, cujo objetivo é a quali-

ficação dos profissionais do setor agrícola, principalmente quem trabalha atualmente em fazendas ou indústrias ligadas ao agronegócio.

Quem concluir o curso de Eletrotécnica, com dois anos de duração, estará apto em inspecionar equipamentos de soldagem, manutenção eletro/mecânica em máquinas e equipamentos e diversos projetos industriais. O profissional ao final, terá condições de contribuir para o aumento contínuo da produtividade, da qualidade e da redução de custos na agroindústria. A Abapa oferecerá uma ajuda de custo de 40% do valor do curso, os associados se responsabilizarão pelos 60% restantes.

**Centro de Treinamentos da Abapa
Parceiros da Tecnologia**

Maiores Informações:

(77) 99829-9092
08h 30 as 17h 30
(Falar Beatriz Brito)

**Pré-inscrições serão realizadas
exclusivamente através do e-mails:**

ct6@abapa.com.br

Puxadas pelo setor agrícola, exportações baianas cresceram 19%



Exibindo o melhor resultado em três anos, as exportações baianas atingiram US\$ 8,1 bilhões, com crescimento de 19% em relação ao ano anterior. As informações foram analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). O resultado apresenta-se melhor do que o observado em 2015 e 2016, mas ainda abaixo do desempenho registrado no período entre 2011/2014, quando as vendas externas baianas alcançaram recorde histórico (US\$ 11,3 bilhões em 2012).

Em dezembro as exportações alcançaram US\$ 653,4 milhões, superando em 30,9% o resultado obtido em dezembro do ano passado, com destaque para as vendas de algodão, derivados de petróleo, automóveis e petroquímicos.

No ano, a melhora das vendas externas do estado é resultado da expansão mais forte da atividade global, que se refletiu na expansão em 14,8% do quantum exportado pelo estado; das melhores cotações das commodities, que interrompeu a queda dos preços médios dos produtos exportados, resultando em uma valorização média de 3,7% na pauta; e pela forte recuperação da produção agrícola, estimada em mais de 40%, o que fez aumentar em 67% os embarques de soja, carro chefe das vendas de produtos agrícolas do estado.

O excepcional ano de 2017 para a agricultura refletiu-se nas exportações do setor que foi o destaque principal da pauta em 2017. As vendas do agronegócio baiano subiram 28%, para US\$ 3,83 bilhões, com destaque para soja, celulose e algodão. O setor fechou

o ano representando 47,5% do total das vendas externas do estado, próximo ao recorde alcançado em 2015 quando a participação alcançou 50,3%.

No setor de manufaturados, cresceram principalmente as exportações de produtos químicos/petroquímicos, que somaram US\$ 1,54 bilhão e crescimento de 33,6% e de automóveis – alta de 34% para US\$ 620 milhões.

A China continuou sendo o maior comprador de produtos baianos no ano passado. Em 2017, o país asiático comprou US\$ 2,13 bilhões da Bahia (26,4% do total), seguida pelos Estados Unidos com US\$ 1,08 bilhão (13,4%), pela Argentina com US\$ 986,8 milhões (12,2%) e pelos Países Baixos com US\$ 564,7 milhões ou o equivalente a 7% das exportações estaduais. (Jornal da Mídia)

Abapa mantém incentivo ao esporte com entrega de materiais esportivos para instituições sociais de Luís Eduardo Magalhães

Instituição organizadora da Corrida do Algodão, realizada no final de setembro, em Luís Eduardo Magalhães, a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) entregou no final do último ano, materiais esportivos para três instituições sociais de Luís Eduardo Magalhães, no oeste da Bahia. A Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), Amigos da Bola Laranja (ABL) e o Centro de Tratamento e Recuperação de Dependentes Químicos (Cativar) receberam kits com bolas de futebol, vôlei e basquete, redes de futebol, jogos de camisa de futebol, dentre outros.

Ao receber os materiais, o atual diretor presidente da Apae Lem, Ronei Jesus Pereira, acredita que a doação contribui diretamente com as práticas esportivas proporcionando mais qualidade de vida para os portadores de necessidades especiais da instituição. “Temos atualmente cerca de 180 participantes, dentre crianças e adultos, e uma lista de espera para atender ainda mais pessoas. As atividades físicas são essenciais para o desenvolvimento dos integrantes do projeto, e agradecemos mais este apoio da sociedade local e dos agricultores, por meio da Abapa”, afirma.

Para o presidente da ABL, Marcelo Grade, e o vice-presidente, Osvaldo Sesteiro, a doação das bolas de basquete vão possibilitar que mais crianças se integrem ao projeto.

“Iniciamos em 2015, com a parceria do Lions Clube no projeto Cidadania Feliz, com o foco no incentivo à prática do basquete em nossa cidade, e hoje já contamos com 60 crianças e jovens com a faixa etária de 6 a 17 anos”, explica. Mais conhecido como Carlinhos, o professor de educação física, Manoel Carlos de Sousa, ficou agradecido com as doações para o projeto Cativar, que apóia os dependentes químicos em tratamento. “A partir de agora, teremos bola, rede para o gol, e um jogo de camisas para mantê-los focados na recuperação”, afirma ele, que a partir do próximo ano, vai desenvolver também em um projeto de boxe para cerca de 200 crianças e adolescentes em vulnerabilidade social.

A organizadora da Corrida do Algodão e diretora da Abapa, Alessandra Zanotto, explica que os materiais foram comprados com recurso excedente captado durante a organização da Corrida do Algodão. “Diante do sucesso da competição, decidimos continuar investindo no estímulo ao esporte por meio da doação destes materiais esportivos que vão fazer a diferença no dia-a-dia de quem participa das práticas esportivas nestas instituições”, afirma ela, que acredita na promoção de mais uma edição da Corrida do Algodão. “Queremos inserir o evento dentro do calendário da cidade, sendo uma forma de reforçar a importância do agronegó-



cio para o desenvolvimento econômico e social de toda a região, incentivando também o uso do algodão dentre os praticantes das atividades físicas”, destaca.

Corrida do Algodão – Com sucesso de público e inscritos, a Corrida do Algodão distribuiu R\$ 5 mil em prêmios e troféus para os vencedores. Quem passou pelo local, se surpreendeu com uma grande estrutura que reuniu atividade física, esporte, música, e produção agrícola em só local. A população acompanhou com entusiasmo a competição que levou cerca de 750 atletas profissionais e amadores a tomarem as ruas da cidade e se desafiarem nos trajetos de 5km e 10km. De maneira democrática e inclusiva, a Corrida do Algodão também abriu espaço para os cadeirantes e crianças. A Corrida do Algodão foi uma realização da Abapa e contou com a parceria e patrocínios da Agrosul/John Deere, Bayer, CCAB, Sudotex, Sindicato Rural dos Produtores Rurais de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, UBahia, Unicot, FMC, Sesi/Fieb Fundeagro, Grupo Horita, Morinaga Sementes, ZanottoCotton, Bradesco, Espaço Amanda Amorim, Espaço Core e Prefeitura de Luís Eduardo Magalhães.



Os agricultores que alimentarão o mundo

Crescimento econômico e dinâmica populacional serão importantes motores de transformação da sociedade nas próximas décadas. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que a população mundial deverá atingir cerca de 9,8 bilhões até 2050, crescimento que será acompanhado por evolução da renda e da demanda por alimentos. Em função das mudanças demográficas, teremos uma população mais urbana, mais idosa, mais rica e mais exigente, demandando mais frutas, legumes, proteína animal, além de alimentos mais elaborados e sofisticados. Essa realidade pressionará os setores agroalimentar e agroindustrial e poderá elevar os riscos relacionados à poluição, esgotamento do solo, da água e da biodiversidade, além de intensificar estresses devido às mudanças climáticas globais.

Outra preocupação crescente refere-se ao tipo de unidades produtivas e de agricultores que serão necessários para garantia da segurança alimentar e nutricional das populações no futuro. Afinal, sem agricultores e sem fazendas não há sistema alimentar. Assim, uma ação central em qualquer estratégia de desenvolvimento é a busca de condições que viabilizem econômica, social e ambientalmente a produção de alimentos, proporcionando renda e condições de vida dignas aos agricultores, aos trabalhadores do campo e suas famílias, além de proteção aos recursos naturais. Esta discussão ocorre em meio a um grande debate, energizado por certo viés ideológico, que antagoniza pequenos produtores e a agricultura de maior escala na discussão dos modelos de produção de alimentos mais adequados para o futuro.

Para melhor contextualizar esta discussão, é preciso examinar os números levantados pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), em 2016, sobre os agricultores no mundo. O estudo cobriu 167 países, que representam 96% da população mundial, 97% da população ativa na agricultura e 90% das terras agrícolas, mostrando existirem cerca de 570 milhões de propriedades rurais em todo o globo. A Ásia concentra 74% delas, sendo que a China responde por 35% e a Índia, por 24%. Nove por cento são encontrados na África Subsaariana, e 7% na Europa e Ásia Central. Fazendas na América Latina e Caribe representam 4% e apenas 3% estão localizadas no Oriente Médio e no norte da África. Treze por cento das fazendas estão em países de baixa renda e 4% nos países mais ricos, ficando os países em desenvolvimento de renda mediana com 83% de todas as propriedades rurais do globo.

A FAO estudou também uma amostra de 111 países e territórios com um total de cerca de 460 milhões de propriedades rurais e concluiu que 72% delas têm menos de um hectare, 12% têm entre 1 e 2 hectares, 10%, entre 2 e 5 hectares. Apenas 6% das fazendas do mundo são maiores que 5 hectares. Com o crescimento populacional, a tendência é de fragmentação ainda maior das unidades produtivas nos países mais pobres. Durante a última década, na África, o tamanho médio das propriedades foi reduzido de 2,4 para 2,1 hectares, e de 2,2 para 1,1 hectares na Índia, entre 1970 e 2011. Reduções no tamanho das propriedades impedem os agricultores de viver de maneira digna, ampliando a migração para as cidades. Somase a isso o fato de que cresce em todo o mundo o número de agricultores ativos com mais de 60 anos de idade, grande parte sem perspectivas de sucessão, já que os filhos buscam outras profissões.

Estudos da FAO também revelam que o progresso e o crescimento da renda provocam a redução no número de agricultores e o aumento no tamanho das propriedades. As maiores, com uma superfície superior a 5 hectares, cobrem 27% das terras em países de baixa renda, 43% nos países de renda média baixa, 96% nos

países de renda média alta, e 97% em países de alta renda. Países desenvolvidos, grandes produtores e exportadores de alimentos, como Estados Unidos e Holanda, por exemplo, têm menos de 1% da força de trabalho no campo. Ainda assim, cerca de 14% da economia holandesa e 5.5% da gigantesca economia americana resultam da produção agrícola.

Portanto, a dura realidade que se apresenta no horizonte de 2050 não poderá ser enfrentada a partir de um estéril embate entre pequenos e grandes produtores. Ambos são essenciais, uma vez que dobrar a produção de alimentos em prazo tão curto exigirá a modelagem de uma agricultura cada vez mais diversificada e especializada. O mundo precisará investir na intensificação do uso das terras já destinadas à produção, além de expansão prudente de área, com rigoroso balizamento na sustentabilidade. A agricultura comercial de maior escala seguirá se ampliando com o avanço do progresso econômico, especialmente para prover produtos de grande demanda como soja, milho, carnes, açúcar, fibras, dentre outros.

Os pequenos produtores continuarão sendo uma maioria muito importante para o futuro da segurança alimentar, mas sua viabilidade dependerá de apoio e políticas públicas relacionadas à propriedade da terra e à sucessão, ao acesso a conhecimento, tecnologia e financiamento, além de mercados amigáveis à lógica da inclusão produtiva. A produção se tornará mais diversa e especializada para ganhar a preferência de consumidores cada vez mais exigentes. Hortaliças, frutas, cafés e produtos especiais ligados à moderna gastronomia já sustentam modelos mais sofisticados e rentáveis de pequena produção em muitos países, e certamente se expandirão no futuro.

O Brasil, neste momento, realiza um novo Censo Agropecuário para levantamento de informações sobre o seu setor agropecuário. Este retrato atual do mundo rural brasileiro, a ser apontado em 2018, nos permitirá traçar um perfil detalhado da produção e dos nossos agricultores, base para projetarmos o futuro que queremos para as múltiplas agriculturas que povoam nosso imenso e diverso país.

Por Maurício Antônio Lopes, Presidente da Embrapa

Brasil, país poupador de terras

Devastação de matas e agricultura predatória são dois temas frequentes quando se avalia a preservação ambiental no Brasil, num falatório mal informado, muitas vezes desonesto e frequentemente repetido, no País, pelos bem-pensantes de plantão. Quem se dispõe a discutir seriamente o assunto pode agora recorrer a informações da Nasa, a agência espacial americana. Segundo a agência, as lavouras ocupam 65,91 milhões de hectares, apenas 7,6% do território brasileiro, e a vegetação nativa é preservada em mais de dois terços da superfície do País. Esses números são muito mais compatíveis com os objetivos de conservação ambiental do que os encontrados na maior parte do mundo, incluídos os países mais desenvolvidos e apontados, costumeiramente, como os menos devastadores.

A informação da Nasa, divulgada no fim de dezembro, foi pouco difundida e escassamente comentada no Brasil. Nenhuma pessoa honestamente interessada no assunto deveria, no entanto, desconhecer os dados e negligenciar as comparações. A agricultura ocupa entre 20% e 30% da área na maior parte dos países, de acordo com o relatório, e em algumas economias importantes a parcela usada na produção rural é muito maior.

A proporção fica entre 45% e 65% na maior parte da União Europeia, em 18,3% nos Estados Unidos, em 17,7% na China e em 60,5%

na Índia. Na Dinamarca a área cultivada corresponde a 76,8% do território. No Reino Unido, a 63,9%. Na Alemanha, a 56,9%.

Embora as lavouras ocupem uma pequena porcentagem do território brasileiro, o País é uma potência agrícola e um dos líderes no comércio global de vários produtos. Quem acompanhou a evolução do agronegócio desde as décadas finais do século passado entende facilmente como esse quadro se tornou possível.

A explicação principal está nos ganhos de produtividade, centrados, no caso brasileiro, no volume produzido por hectare. Isso depende da fertilização e da preservação da fertilidade do solo, assim como das técnicas de manejo da terra e também do melhoramento e da seleção das plantas. Graças a esses avanços, durante um longo período foi possível aumentar muito mais a produção de vários grupos de lavouras do que a superfície cultivada. Em outras palavras, a agricultura brasileira tornou-se uma atividade poupadora de terra.

A produção de grãos é o exemplo mais visível dos ganhos de produtividade. O aumento da eficiência, observado desde os anos 1980, tornou-se mais ostensivo neste século. Entre a safra de 1997/98 e a de 2006/2007, a produção geral foi sempre superior a 2 toneladas e inferior a 3 toneladas por hectare. Oscilou nas duas temporadas seguintes e a partir de 2009/10 ficou sempre acima da nova marca. Em 2009/10 foram colhidas 3,15 toneladas

por hectare. Em 2016/17, 3,91 toneladas. A proporção caiu para 3,67 na safra seguinte, mas o volume produzido por unidade de área ainda foi 29,29% superior ao de 2006/07. Esse conjunto inclui algodão, arroz, feijão, milho, soja, trigo e cereais de inverno. São produtos fundamentais para o mercado interno, para a produção de aves e suínos e para a exportação.

A cafeicultura, outra área de liderança brasileira, também tem acumulado ganhos de eficiência na produção por área. Em 2004 foram colhidas 17,75 sacas por hectare. Em 2006, 19,75. Entre 2010 e 2014 a produção ficou sempre acima de 20 sacas, tendo atingido 24,80 em 2012. Em 2016 foram 26,33 sacas por hectare. No ano passado, 24,10. Em 2017 completaram-se três anos de problemas climáticos e, além disso, o ano foi de ciclo baixo (uma das características da cafeicultura). Mesmo assim, o rendimento foi muito maior do que o de uma década atrás.

Nenhum desses fatos é justificativa para descuidar da preservação ou para deixar de punir devastadores da Amazônia ou de qualquer outro bioma. Mas os dados da Nasa permitem uma discussão mais informada e mais honesta sobre como os brasileiros cuidam dos compromissos ambientais. São também um testemunho a mais sobre o sucesso e a enorme importância da Embrapa e de outras instituições

Fonte: O Estado de S.Paulo.

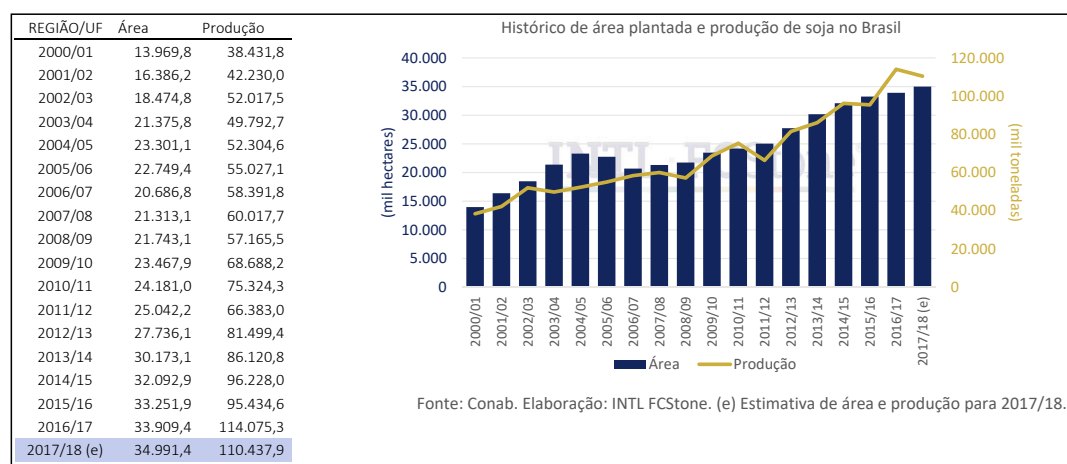
Primeiro trimestre inicia com perspectivas positivas para as safras de soja e algodão no Brasil

por Ana Luiza Lodi e Gabriela Fontanari da INTL FCStone

SOJA - O plantio da safra brasileira começou com atrasos em vários estados produtores, o que trouxe preocupações. Passado o período inicial, contudo, as perspectivas estão muito positivas, alimentando o cenário de oferta global mais folgada da oleaginosa.

Por outro lado, a demanda pelo grão continua forte, num contexto em que a oferta de outras commodities também é ampla. Com isso, o plantio da oleaginosa no ciclo 2018/19 deve levar vantagem nos EUA. As expectativas apontam para novo aumento da área plantada no país, que deve ocupar áreas antes de trigo e eventualmente também de milho.

Assim, a tendência é de manutenção de condições mais confortáveis no balanço de oferta e demanda global, o que limita reações mais expressivas dos preços da soja. A combinação de um mercado de demanda aquecida e de oferta concentrada em poucos países, entretanto, resulta em um



balanço muito vulnerável a flutuações pelo lado da oferta. Apesar do bom andamento da safra brasileira, ainda podem ocorrer adversidades climáticas, e o cultivo na Argentina pode apresentar problemas, lembrando

que o ciclo do país é mais tardio. Numa situação de adversidades na América do Sul, os preços da oleaginosa encontrariam mais espaço para subir, uma vez que não são esperadas surpresas na ponta do consumo.

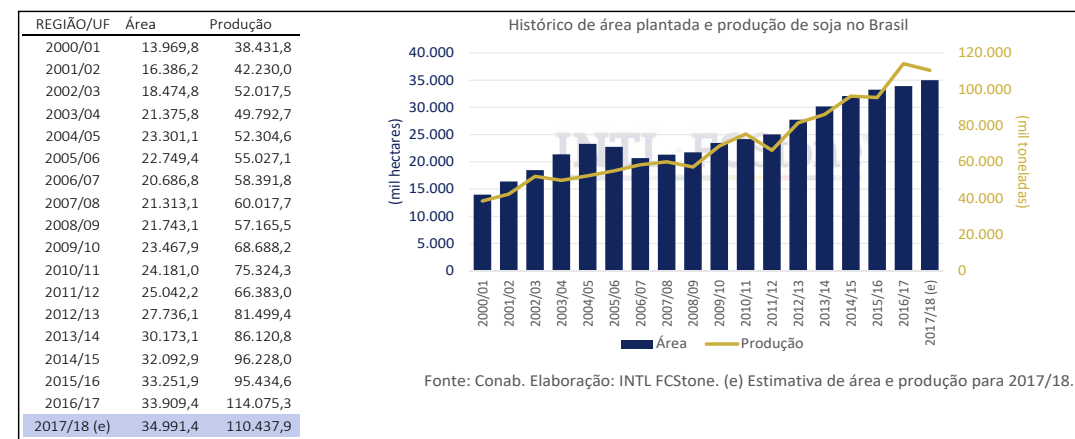
ALGODÃO - O algodão se consolidou como a cultura com maior valorização de suas cotações em 2017, encerrando dezembro com 11,3% de alta em Nova Iorque. A forte recuperação dos preços no último trimestre define um cenário otimista aos cotonicultores ao redor do globo nos primeiros meses de 2018,

corroborando para uma expansão da área plantada nos principais países produtores.

Durante os primeiros meses de 2018, as condições edafoclimáticas tornam-se foco do mercado por ser um período-chave para a decisão de plantio nos países do hemisfério norte. Nos Estados Unidos, o esperado é uma manu-

tenção da extensão semeada no ciclo passado, apesar de os preços mínimos concedidos pela Lei Agrícola às culturas concorrentes do algodão serem mais vantajosos. A previsão de um clima mais seco no Texas e delta do rio Mississippi, no entanto, pode acarretar em perspectivas de rendimentos menores para a pluma, influenciando a definição de área plantada, que deve ocorrer nos próximos meses.

No Brasil, a cultura encontra-se no início da safra 2017/18, com perspectiva de finalização do plantio em fevereiro nos principais estados produtores. As previsões de um clima mais seco no Centro-Sul do país em função do fenômeno meteorológico La Niña trazem perspectivas de rendimentos menores, já que a produtividade dos algodões está associada a uma ampla disponibilidade de água nas fases de desenvolvimento reprodutivo. Diante das condições menos favoráveis para o rendimento das lavouras, o aumento da extensão plantada deve ser o fator determinante na expansão da produção na próxima safra.



BALANCETE PRÉVIO DA EMPRESA: ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA

CNPJ: 63.077.937/0001-85

REFERENTE AO MÊS DE NOVEMBRO DE 2017

Empresa:	02 - ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA	Saldo Anterior	Nat	Debitos	Creditos	Saldo Atual	Nat
Conta 1	ATIVO	16.125.945,41	D	5.936.656,86	5.509.847,13	16.552.755,14	D
11	ATIVO CIRCULANTE	10.725.691,49	D	5.933.999,84	5.487.068,07	11.172.623,26	D
1101	DISPONIBILIDADES	6.695.688,11	D	4.079.211,87	3.330.725,48	7.444.174,50	D
110101	CAIXA	9.000,00	D	0,00	3.643,50	7.505,28	D
110102	BANCOS CONTA MOVIMENTO	2.435.254,59	D	3.198.174,06	2.774.271,54	2.859.157,11	D
110103	APLICAÇÕES FINANCEIRAS	4.258.284,74	D	872.037,81	552.810,44	4.577.512,11	D
1102	CRÉDITOS A RECEBER	4.030.003,38	D	1.854.787,97	2.156.342,59	3.728.448,76	D
110201	CRÉDITOS A RECEBER - CLIENTES ASSOCIADOS	4.587.719,36	D	429.000,54	693.775,80	4.322.944,10	D
110202	CRÉDITOS A RECEBER - CLIENTES BFS	1.469.168,77	D	155.777,65	182.240,28	1.442.706,14	D
110203	CRÉDITOS A RECEBER - CLIENTES PROJETOS	34.732,00	D	1.241.858,34	1.241.858,34	34.732,00	D
110204	CRÉDITOS A RECEBER - OUTROS CLIENTES	7.955,44	D	1.301,04	1.600,00	7.656,48	D
110205	EMPRESTIMOS A RECEBER	67.534,00	D	0,00	0,00	67.534,00	D
110206	OUTROS VALORES A RECEBER	116.150,78	D	26.850,40	36.868,17	106.133,01	D
110208	ADIANTAMENTOS A PROJETOS	1.152,00	D	0,00	0,00	1.152,00	D
110209	(-) CREDITOS A RECEBER - PROVISÕES	2.254.408,97	C	0,00	0,00	2.254.408,97	C
12	ATIVO NÃO CIRCULANTE	5.400.253,92	D	2.657,02	22.779,06	5.380.131,88	D
1201	REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	1.293.965,49	D	0,00	0,00	1.293.965,49	D
120101	CONTAS A RECEBER CLIENTES	1.293.965,49	D	0,00	0,00	1.293.965,49	D
1203	IMOBILIZADO	4.106.288,43	D	2.657,02	22.779,06	4.086.166,39	D
120301	IMOBILIZADO AIBA SEDE	958.299,08	D	2.657,02	6.743,02	954.213,08	D
120302	IMOBILIZADO FARM SHOW	2.879.932,03	D	0,00	14.446,14	2.865.485,89	D
120303	IMOBILIZADO FAZENDA MODELO	268.057,32	D	0,00	1.589,90	266.467,42	D
Conta 2	PASSIVO	15.264.838,84	C	3.123.648,10	4.411.564,40	16.552.755,14	C
21	PASSIVO CIRCULANTE	6.644.829,07	C	3.123.648,10	4.070.749,51	7.591.930,48	C
2101	FORNECEDORES	58.424,72	C	2.104.195,78	2.212.808,43	167.037,37	C
210101	FORNECEDORES	58.424,72	C	2.104.195,78	2.212.808,43	167.037,37	C
2102	OBRIGAÇÕES	246.014,24	C	427.908,25	490.239,82	308.345,81	C
210201	OBRIGAÇÕES FISCAIS	86.868,27	C	124.315,83	105.573,28	68.125,72	C
210202	OBRIGAÇÕES COM PESSOAL	517,13	D	303.592,42	384.666,54	80.556,99	C
210203	OUTRAS OBRIGAÇÕES A PAGAR	159.663,10	C	0,00	0,00	159.663,10	C
2104	RECEITAS A REALIZAR	6.340.390,11	C	591.544,07	1.367.701,26	7.116.547,30	C
210401	RECEITA A REALIZAR - BAHIA FARM SHOW	1.639.971,44	C	0,00	144.498,22	1.784.469,66	C
210402	RECURSOS DE PROJETOS EM EXECUÇÃO - CONV. FUNDEAGRO	348.422,82	C	36.201,91	0,00	312.220,91	C
210403	RECURSOS DE PROJETOS EM EXECUÇÃO - CONV. ABAPA	233.682,92	C	77.396,97	72.082,04	228.367,99	C
210404	RECURSOS DE PROJETOS EM EXECUÇÃO - CONV. PRODEAGRO	3.539.254,91	C	465.864,21	999.739,48	4.073.130,18	C
210405	RECURSOS DE PROJETOS EM EXECUÇÃO - CONV. ABIOVE	160.995,27	C	11.283,04	0,00	149.712,23	C
210406	RECEITA A REALIZAR - FUNDEAGRO	24.328,49	D	0,00	0,00	24.328,49	D
210407	RECEITA A REALIZAR - PROJETO FITOSSANITÁRIO	442.391,24	C	797,94	151.381,52	592.974,82	C
23	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	8.620.009,77	C	0,00	340.814,89	8.960.824,66	C
2301	PATRIMÔNIO SOCIAL	8.620.009,77	C	0,00	340.814,89	8.960.824,66	C
230101	SUPERAVIT / DEFICIT ACUMULADOS	8.620.009,77	C	0,00	340.814,89	8.960.824,66	C
Conta 3	RECEITAS	11.758.891,17	C	24.857,60	861.233,21	12.595.266,78	C
31	RECEITAS OPERACIONAIS	11.351.767,73	C	20.140,44	839.765,46	12.171.392,75	C
3101	RECEITAS OPERACIONAIS SEM RESTRIÇÃO	6.149.339,95	C	20.140,44	258.365,18	6.387.564,69	C
310101	RECEITAS COM MENSALIDADES E ANUIDADES	2.302.652,32	C	14.105,94	222.645,83	2.511.192,21	C
310102	RECEITAS BAHIA FARM SHOW	2.568.114,54	C	0,00	4.147,20	2.572.261,74	C
310103	RECEITAS DIVERSAS	2.125.623,09	C	6.034,50	31.572,15	2.151.160,74	C
310104	RECEITAS REFERENTE PROCESSO FUNRURAL	847.050,00	D	0,00	0,00	847.050,00	D
3102	RECEITAS OPERACIONAIS COM RESTRIÇÃO	5.202.427,78	C	0,00	581.400,28	5.783.828,06	C
310201	RECEITA CONVENIO FUNDEAGRO	36.063,99	C	0,00	36.201,91	72.265,90	C
310202	RECEITA CONVENIO ABAPA	413.113,52	C	0,00	77.396,97	490.510,49	C
310203	RECEITA CONVENIO ABIOVE	44.916,30	C	0,00	11.283,04	56.199,34	C
310204	RECEITA CONVENIO PRODEAGRO	4.708.333,97	C	0,00	456.518,36	5.164.852,33	C
32	RECEITAS NÃO OPERACIONAIS	407.123,44	C	4.717,16	21.467,75	423.874,03	C
3201	RECEITAS FINANCEIRAS	407.123,44	C	4.717,16	21.467,75	423.874,03	C
320101	RECEITAS FINANCEIRAS	407.123,44	C	4.717,16	21.467,75	423.874,03	C
Conta 4	DESPESAS	10.897.784,60	D	1.851.789,73	495.122,44	12.254.451,89	D
41	DESPESAS OPERACIONAIS	10.897.784,60	D	1.851.789,73	495.122,44	12.254.451,89	D
4101	DESPESAS ADMINISTRATIVAS	8.178.610,93	D	772.457,01	58.298,10	8.892.769,84	D
410101	DESPESAS FIXAS	276.976,13	D	19.092,67	830,76	295.238,04	D

410102	MATERIAL DE EXPEDIENTE	43.309,41 D	2.096,48	736,78	44.669,11 D		
410103	COPA E COZINHA	36.719,96 D	3.301,33	164,80	39.856,49 D		
410104	SEGURANÇA E MANUTENÇÃO DE PRÉDIO	146.246,31 D	12.104,29	6.163,77	152.186,83 D		
410105	SERVIÇOS DE CLIMATIZAÇÃO	6.473,00 D	835,00	0,00	7.308,00 D		
410106	SERVIÇOS EM INTERNET E TELEFONIA	5.488,60 D	620,00	54,60	6.054,00 D		
410107	SERVIÇOS EM MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	1.925,71 D	180,00	0,00	2.105,71 D		
410108	SERVIÇOS DE INFORMÁTICA	93.748,99 D	5.258,70	0,00	99.007,69 D		
410109	SERVIÇOS DE FRETE E TRANSPORTE	16.626,29 D	468,00	18,00	17.076,29 D		
410110	SERVIÇOS EM VEÍCULOS	15.662,29 D	820,00	70,00	16.412,29 D		
410111	SERVIÇOS EM PUBLICIDADE	798.458,53 D	61.848,33	20.000,00	840.306,86 D		
410112	SERVIÇOS DIVERSOS	3.030.321,56 D	292.540,69	29.017,27	3.293.844,98 D		
410113	CONSULTORIAS E ASSESSORIAS	1.694.970,17 D	146.100,72	0,00	1.841.070,89 D		
410114	ALUGUEIS	229.368,43 D	32.761,71	97,21	262.032,93 D		
410115	MARKETING E PUBLICIDADE	77.185,99 D	6.040,34	0,00	83.226,33 D		
410116	EVENTOS E PROMOÇÕES	112.338,38 D	8.171,00	0,00	120.509,38 D		
410117	VIAGENS E REPRESENTAÇÕES	443.505,73 D	42.890,59	1.144,91	485.251,41 D		
410118	ÓLEOS E COMBUSTÍVEIS	696.897,08 D	91.907,47	0,00	788.804,55 D		
410119	MATERIAIS PREDIAIS	38.185,11 D	12.400,82	0,00	50.585,93 D		
410120	SEGUROS	32.396,16 D	4.579,42	0,00	36.975,58 D		
410121	DESPESAS JUDICIAIS	1.535,17 D	0,00	0,00	1.535,17 D		
410122	SERVIÇOS DE REPARAÇÃO E MANUTENÇÃO	81.760,67 D	400,00	0,00	82.160,67 D		
410123	PEÇAS	39.868,55 D	5.260,39	0,00	45.128,94 D		
410125	PERDAS COM ATIVO IMOBILIZADO	225.742,71 D	22.779,06	0,00	248.521,77 D		
410126	DESPESAS PARA EXECUÇÃO DE PROJETOS	32.900,00 D	0,00	0,00	32.900,00 D		
4102	DESPESAS COM PESSOAL	2.180.741,64 D	692.960,67	238.110,33	2.635.591,98 D		
410201	REMUNERAÇÕES	1.551.647,12 D	557.318,29	178.592,51	1.930.372,90 D		
410202	DESPESAS COM PESSOAL	85.163,92 D	5.819,70	0,00	90.983,62 D		
410203	ENCARGOS TRABALHISTAS	543.930,60 D	129.822,68	59.517,82	614.235,46 D		
4103	DESPESAS FINANCEIRAS	35.089,97 D	3.042,25	5,00	38.127,22 D		
410301	DESPESAS BANCÁRIAS	32.158,85 D	3.042,25	5,00	35.196,10 D		
410302	DESPESAS COM MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS	2.931,12 D	0,00	0,00	2.931,12 D		
4104	DESPESAS TRIBUTÁRIAS	175.602,02 D	18.234,20	1.086,01	192.750,21 D		
410401	DESPESAS COM INFRAÇÕES	34.091,10 D	0,00	0,00	34.091,10 D		
410402	TAXAS E TRIBUTOS	21.817,99 D	337,54	0,00	22.155,53 D		
410403	IMPOSTOS E CONTRIBUIÇÕES	119.692,93 D	17.896,66	1.086,01	136.503,58 D		
4105	DESPESAS COM CONVENIOS	197.714,00 D	355.406,00	197.623,00	355.497,00 D		
410501	DESPESAS COM CONVÊNIO	197.714,00 D	355.406,00	197.623,00	355.497,00 D		
4107	OUTRAS DESPESAS	130.026,04 D	9.689,60	0,00	139.715,64 D		
410709	OUTRAS DESPESAS	130.026,04 D	9.689,60	0,00	139.715,64 D		
Conta	Descrição	Saldo Anterior	Nat	Debitos	Creditos	Saldo Atual	Nat
5	APURAÇÃO DO EXERCÍCIO	0,00		340.814,89	0,00	340.814,89 D	
51	APURAÇÃO DO EXERCÍCIO	0,00		340.814,89	0,00	340.814,89 D	
5101	APURAÇÃO DO EXERCÍCIO	0,00		340.814,89	0,00	340.814,89 D	
510101	APURAÇÃO DO EXERCÍCIO	0,00		340.814,89	0,00	340.814,89 D	

CAIXA E EQUIVALENTES DE CAIXA: a composição destes ativos é dada conforme o quadro. As aplicações financeiras possuem característica de resgate imediato, sendo que parte destas, bem como dos saldos mantidos em conta corrente, são recursos recebidos para aplicação em projetos.

CONTAS A RECEBER: refere-se aos valores a receber de instituidores e mantenedores por conta de contribuições com anuidades, mensalidades e operação safra, bem como, sobre os contratos firmados para execução do evento Bahia Farm Show. Os saldos reclassificados para não circulante tem origem em períodos anteriores e, com base em análises da Administração, ainda são passíveis de realização.

IMOBILIZADO: tais ativos estão demonstrados conforme o quadro, detalhado por rubrica contábil e segregando os ativos da ALBA e os mantidos na Bahia Farm Show. A depreciação é calculada sobre taxas fiscais.

FORNECEDORES: referem-se aos valores devidos decorrentes das atividades normais da Entidade.

OBRIGAÇÕES FISCAIS E TRABALHISTAS: as contas mais relevantes são férias e salários a pagar. Salários são pagos dentro do mês da competência. Obrigações fiscais se refere a impostos retidos sobre serviços contratados.

RECEITAS A APROPRIAR: as receitas de locação de stands da Bahia Farm Show são registradas a medida que

os contratos são firmados, tendo como contrapartida o contas a receber e esta rubrica de receitas a apropriar no passivo. Tais saldos são apropriados ao resultado como receitas apenas no período de execução da feira, sendo que os ativos constituídos via de regra são realizados parceladamente ao longo do ano. Os recursos recebidos de convênio são também mantidos neste grupo e a medida que são executados, tais saldos são apropriados ao resultado do exercício.

FUNDO SOCIAL: Os superávits e déficits apurados anualmente são movimentados à conta de Fundo Social, sendo incorporados ao mesmo no decorrer do exercício subsequente.

RECEITAS LÍQUIDAS E CUSTOS DOS PROJETOS E OPERACIONAIS: as receitas operacionais sem restrição se referem as atividades operacionais da empresa, tais como anuidades e Bahia Farm Show. Na conta receitas diversas, está contido o valor de R\$ 641.200,00 de Patrocínios da Bahia Farm Show e R\$ 1.276.225,46 de Operação Safra, entre outros

Em receitas operacionais com restrição são lançados as receitas realizadas com convênios (Projetos).

Receitas financeiras se referem a ganhos com aplicações financeiras.

DESPESAS GERAIS E ADMINISTRATIVAS / FINANCEIRAS: as despesas da Entidade são decorrentes de suas atividades operacionais, da Bahia Farm Show e Projetos Executados.

Nas contas de Serviços em Publicidade e Marketing

e Pulicidade estão contidas as despesas com o plano de mídia da Bahia Farm Show.

A conta Serviços Diversos contém a conta analítica de Serviços de Reparação e Construção de estradas, com Saldo de R\$ 2.909.077,29 que se refere aos custos para execução de projetos de infraestrutura de convênios com o Prodeagro, também contem a Conta Serviços Contratados BFS no valor de R\$ 288.076,15 que são serviços contratados exclusivamente para execução da Bahia Farm Show, entre outras contas.

A conta Consultorias e Assessorias é composta, entre outras, pelas contas Assessoria e Consultoria Jurídica no valor de R\$ 209.830,00 e Assessoria e Consultoria Ambiental no valor de R\$ 1.535.753,46, sendo estes custos de projetos, pagos com recursos de convênios (Projetos).

Na conta alugueis estão inclusos materiais alugados para Bahia Farm Show.

As despesas financeiras são apropriadas em regime de competência, sua composição é principalmente descontos concedidos e tarifas bancárias.

Em Outras Despesa está a conta Despesa com Contribuições com saldo de R\$ 104.500,00 que são contribuições aos Instituto Pensar Agro (IPA).

Celestino Zanella – Presidente
Elio Rafael Engelmann – Contador CRCRS-
-088135/O-6 TBA

1º ESTIMATIVA PARA A SAFRA 2017/18

REUNIÃO REALIZADA EM 15/01/2018			
CULTURAS	1º LVTO. - SAFRA 2017/18		
	ÁREA (HA)	PRODUTIV.	PRODUÇÃO (T)
SOJA ¹	1.600.000	56	5.376.000
ALGODÃO ²	260.000	310	1.209.000
MILHO ³	140.000	165	1.386.000
SUB-TOTAL	2.000.000		7.971.000
CAFÉ ⁴	11.306	47	31.883
OUTRAS CULTURAS	400.000		220.000
TOTAL - HA	2.411.306		8.222.883

NOTAS:

- Até o momento o clima tem favorecido o desenvolvimento da cultura da soja, asperspecivas são de alcançarmos produtividade superior ao ano anterior.
- As áreas de sequeiro já foram totalmente plantadas, até o dia 10 de fevereirodeverá ser concluída a área irrigada.
- Este ano o Milho não teve nenhum problema no seu desenvolvimento até o momento, mantendo assim o seu potencial produtivo.

Base de Dados - Conselho Técnico da Aiba:

Aiba, Abapa, Abacafé, Fundação BA, Sindicato Barreiras, Sindicato LEM, Sandias, Aprosem, Acia-gri, Cargill, Bunge, Cooproeste, CREA, IBGE, EBDA, Adab, Conab, BNB, Banco do Brasil, Louis Dreyfus, ADM, Multigrain, Noble.

marca



VEM AÍ!
**A FEIRA QUE
IMPULSIONA**
o Brasil.

29 | MAIO A 02 | JUNHO | 2018

LUÍS EDUARDO MAGALHÃES | BAHIA | BRASIL